

# LITTERATURAS AFRICANAS: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS DA LITERATURA PROTO-NACIONAL, ANTICOLONIAL-IDENTITÁRIA E DA PÓS-INDEPENDÊNCIA

Antônio Lucilane Barbosa Carneiro<sup>1</sup>

Lourenço Ocuni Cá<sup>2</sup>

## RESUMO

A fim de se fazer uma análise da literatura africana de língua portuguesa é necessário perpassar pelos principais momentos históricos junto ao colonizador europeu, pela construção do eu-lírico africano e pela constituição de uma literatura pura africana. O presente trabalho tem o intuito de apresentar as características que denotam aspectos da literatura proto-nacional; anticolonial – identitário e por fim a literatura da pós-independência. Para isso é necessário realizar uma análise da literatura africana e fazer um recorte de sua realidade e de como esta foi vivenciada em cada contexto e sobre diferentes pontos de vistas e concepções a cerca do conflito interno e externo existente em decorrência da entrada do colonizador português em território africano. Neste sentido, o presente trabalho tem o intuito de apresentar como surgiram os estereótipos até hoje combatidos em todo o mundo, criados no período colonial e como ocorreram as lutas por independência contadas pelas literaturas, seus novos desafios, conflitos e conquistas.

**Palavras-chave:** Literatura, África, Poesia africana.

## ABSTRACT

To make an analysis of Portuguese language African literature it is necessary to go through the main historical moments with the European colonizer, the construction of the African lyric self and constitution of a pure African literature. This work has the intention to present the characteristics that indicates aspects of the proto-national literature; anticolonial – identity and finally the post-independence literature. For that it is necessary to perform an African literature analysis and to do a clipping of its reality and how it was experienced in each context and under different points of view and conceptions about the internal and external conflict existing due the Portuguese colonizer's entrance in the African territory.. Lastly, the work has the intention to present how appeared the stereotypes combated even nowadays all around the world, created in the colonial period and how occurred the fights for independence cut by literatures, its new challenges, conflicts and conquers.

**Keywords:** Literature, Africa, african poetry.

---

<sup>1</sup> Graduado em letras-espanhol pela universidade federal do Ceará, pós-graduando em especialização interdisciplinar em literaturas africanas de língua portuguesa pela universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira universidade aberta do Brasil.

<sup>2</sup> Graduado em Letras e Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Mestre em Administração e Supervisão Educacional pela (UNICAMP) e Doutor em Políticas de Educação e Sistemas Educativos.

## INTRODUÇÃO

A literatura está diretamente relacionada com o contexto de seu povo, que apresentam por meio da escrita os seus anseios e medos. Assim, para se realizar uma análise fidedigna dos principais momentos literários africanos, é necessário fazer uma análise de suas principais obras literárias a fim de buscar vestígios que denotem aspectos da literatura proto-nacional, anticolonial – identitário, e por fim, a literatura da pós-independência. Estes três momentos construíram a história da África para o restante do mundo como a conhecemos hoje.

Assim, pretendemos fazer um recorte da literatura africana durante este período de colonização até sua independência, fazendo um percurso pela literatura proto-nacional, neste caso, ainda com características depreciativas quanto à figura do negro; literatura anticolonial – identitário, neste momento, inicia a concepção da busca por livrar-se do colonizador e do resgate de sua identidade africana, e por fim, a literatura da pós-independência, descrevendo e refletindo sobre a vida de seu povo africano de língua portuguesa pós-independência, seus desafios, avanços e prospecções.

Primeiramente, a análise da literatura aqui proposta, tem como referência a abordagem de um recorte de sua realidade e de como esta foi vivenciada em cada contexto, bem como diferentes pontos de vistas e concepções acerca do conflito interno e externo existente pela entrada do colonizador português em território africano. Analisar, assim, esses momentos se justifica pelo fato de apresentar a figura do africano descrita por ele mesmo e pelo colonizador, além de apresentar como surgiram os estereótipos até hoje combatidos e como ocorreram as lutas por independência contadas pelas literaturas, seus novos desafios, conflitos e conquistas.

Assim, é imprescindível estudar as literaturas africanas com parâmetro de analisar sua identidade e de como esta foi preponderante para o processo de libertação, desde assumir suas produções literárias até as lutas contra o colonialismo e assim, estabelecer um panorama sócio-histórico da realidade e identidade dos países africanos de língua portuguesa. Por fim, através das produções literárias africanas de língua portuguesa, estabelecer um panorama das obras: Lopes (*A um poeta*, 1893), Matta (*Negra*, 1884), Craveirinha (*Manifesto*, 1963) e Neto (*Aspiração*, 1976) e Lima (*A Mão*, 2012) e fazer uma relação com os momentos da história africana, como a colonização, o movimento anticolonial e a independência dos países africanos de língua portuguesa.

## **LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

A literatura africana de língua portuguesa em uma modalidade escrita, ainda é muito recente, com aproximadamente 70 anos desde sua origem no período colonial. Esta, passou por momentos importantes, resultados de um processo histórico e social entre o africano e colonizador e entre os próprios africanos, passando de uma escrita presa aos padrões literários europeus até produções literárias que devolveriam a África sua identidade, perante o mundo e perante os próprios africanos.

Para a realização deste estudo faz-se necessário fazer uma análise dos principais autores e obras da literatura africana de língua portuguesa, como: Lopes (A um poeta, 1893), Matta (Negra, 1884,), Craveirinha (Manifesto, 1963), Neto (Aspiração, 1976) e Lima (A Mão, 2012), entre outros, e recortar a quais os momentos estas obras pertencem no percurso literário dos países africanos de língua portuguesa.

A literatura proto-colonial, gerada no início da colonização, não apresentava em seus textos a figura do africano, sua realidade e sua cultura, mas textos seguindo os padrões europeus e, quando o africano era citado, este tinha sua imagem negligenciada, sexualizada e até mesmo inferiorizada, gerando estereótipos do homem e da mulher negra, combatidos até hoje. Também se faz necessário resgatar o momento em que a literatura passou para suas produções de cunho anticolonial e identitário, a busca do africano por suas raízes, resgatando sua identidade e de como a literatura contribuiu como veículo de disseminação das lutas para o movimento anticolonial. Por fim, temos o último momento a ser estudado, referente ao pós-independência dos países africanos de língua portuguesa, o recorte na literatura da figura do africano, do ex-colonizador, das novas nações criadas e seus novos conflitos e desafios.

## **METODOLOGIA**

Como objetivo de identificar os principais aspectos da literatura proto-nacional, anticolonial-indenitária e da pós-independência, foram analisados os principais autores dos três períodos literários da literatura africana de língua portuguesa, como: Lopes (A um poeta, 1893), Matta (Negra, 1884,), Craveirinha (Manifesto, 1963) e Neto (Aspiração, 1976) e Lima (A Mão, 2012).

Através das produções literárias destes autores, podemos traçar um panorama de suas principais obras e de como estas se ligam aos momentos da história africana, como colonização, movimento anticolonial e independência dos países africanos de língua portuguesa. Assim, foi imprescindível o estudo de literaturas africanas como um parâmetro

para analisar sua identidade e de como esta foi preponderante para o processo de libertação, desde assumir suas produções literárias até as lutas contra o colonialismo e, assim, estabelecer um panorama literário da realidade e identidade dos países africanos de língua portuguesa.

### **Literatura proto-nacional**

O primeiro grande momento da literatura africana de língua portuguesa passou por um viés colonialista, preso a estética do colonizador europeu, antes também chamada de literatura colonial, agora denominada de literatura proto-nacional. Neste período, ainda não vemos uma literatura puramente africana, mas uma escrita de estética reconhecível pelo colonizador, pois seguia seus padrões como se o contexto nacional fosse o europeu e não o africano, por isso falasse de literatura proto-nacional. Este primeiro momento da literatura africana é marcado pela colonização portuguesa na África. Boahen fala sobre esse período histórico:

Na história da África jamais se sucederam tantas e tão rápidas mudanças como durante o período entre 1880 e 1935. Na verdade, as mudanças mais importantes, mais espetaculares – e também mais trágicas –, ocorreram num lapso de tempo bem mais curto, de 1880 a 1910, marcado pela conquista e ocupação de quase todo o continente africano pelas potências imperialistas e, depois, pela instauração do sistema colonial. A fase posterior a 1910 caracterizou -se essencialmente pela consolidação e exploração do sistema. (BOAHEN, 2010, p.1).

Vemos assim, o nascimento da literatura africana de língua portuguesa. Esta, com certeza, não por adesão à hierarquia do colonizador, mas por necessidade de o escritor manifestar sua arte por meio de suas produções escritas. Manuel Ferreira (1980) defende que os primeiros indícios da literatura africana de língua portuguesa estão datados por meados do século XIX. O primeiro momento da literatura africana de língua portuguesa é caracterizado por estar enraizado a estética e pensamento do colonizador, com uma estrutura totalmente europeia, desvinculando-se do pensamento e da cultura africana. A expressão literária era africana, mas ainda não se escreviam sobre África. Vejamos o poema “A um poeta”, de José Lopes (1893, Apud FERREIRA, 1980, p. 43), poeta cabo-verdiano.

#### **A um poeta**

Doces quimeras de outrora,  
Não apresseis vosso tempo

Pode raiar uma aurora  
Nesta noite do meu ermo...

Dispensai-me um só carinho  
De tantas mágoas em meio,  
Bradas penugens de um ninho,  
Vagas ternuras de um seio!...

Roubai-me aos olhos o pranto,  
Se então tão perto do riso...  
É muito perdi-vos tanto,  
Mais de mais nada preciso.

No poema escrito pelo poeta cabo-verdiano José Lopes (1893), percebemos a dependência à métrica e a estética na construção do poema, a atenção com o emprego dos vocábulos, léxico este contraditório, de uma África recém-colonizada com a língua do colonizador. Percebemos na poesia de José Lopes, o uso exacerbado de vocábulos portugueses, preocupando-se em oferecer em sua composição o que a língua tem de mais bonito, com versos presos a uma estética e métrica exclusivamente europeia. É perceptível através do poema uma dependência enraizada aos moldes da literatura europeia, nada se fala ou se faz referência à cultura africana, suas tradições e línguas. Não se consegue distinguir se quem escreveu foi um africano ou um europeu. O escritor africano escrevendo para o europeu com os recursos estilísticos literários dados pelo próprio europeu. Em relação a isso, Manuel Ferreira diz que:

O escritor africano encontra-se em estado quase absoluto de alienação, incapaz de se libertar dos modelos europeus. É como se fora puro acidente os seus textos terem sido escritos em África, pois podê-lo-iam ter ido a Europa por qualquer escritor europeu ou não. (1980, p. 42).

A literatura africana de língua portuguesa em seu primeiro momento literário não se baseia em contar e/ou recontar sobre seu povo, seus mitos, tradições e crenças, mas por atender a um padrão e rigor usados pelo colonizador europeu. Manuel Ferreira usa o termo “Alienação” e como já foi comentado anteriormente não conseguimos diferenciar se o poema fora escrito em continente africano ou europeu, pois a estética contida não carregou o contexto sócio-histórico tão fortemente exaltada dos períodos posteriores. Outro poema do

período proto-colonial, no entanto agora apresentando a criação do estereotipo, no poema “Negra” do escritor angolano Joaquim Cordeiro da Matta.

**Negra!**

Negra! negra! como a noite  
d'uma horrível tempestade,  
mas, linda, mimosa e bella,  
como a mais gentil beldade!  
Negra! negra! como a asa  
do corvo mais negro e escuro,  
mas, tendo nos claros olhos,  
o olhar mais límpido e puro!  
Negra! negra! como o ébano,  
seductora como Phedra,  
possuindo as celsas formas,  
em que a boa graça medra!  
Negra! negra!... mas tão linda  
co'os seus dentes de marfim;  
que quando os lábios entreabre,  
não sei o que sinto em mim!...

**II**

Só, negra, como te vejo,  
eu sinto nos seios d'alma  
arder-me forte desejo,  
desejo que nada acalma.  
se te roubou este clima  
do homem a cor primeva;  
branca que ao mundo viesses,  
serias das filhas d'Eva  
em belleza, ó negra, a prima!...  
gerou-te em agro torrão;  
S'elevar-te ao sexo frágil  
temeu o rei da criação;  
é qu'és, ó negra creatura,  
a deusa da formosura!...  
(MATA, 1884, Apud FERREIRA, 1980, p. 44).

A poesia traz a presença de um personagem feminino negro, contextualizado no poema, além do uso de termos africanos como em “co'os seus dentes de marfim”. Observamos mais uma vez a presença do rigor a uma métrica portuguesa. No entanto, mesmo diante da presença da mulher negra como inspiração para o poema, não é possível distinguir se esta é a mulher africana. Percebemos também, a inferiorização por parte da mulher negra, como no trecho “serias das filhas d'Eva em beleza, ó negra, a prima!...” afirmando que a beleza negra ainda não é a filha, mas sim a prima, com menos beleza que a mulher branca diante da criação.

Outro aspecto que denota a inferiorização da mulher negra é a sexualização feita sobre a mesma no poema, como se ela apenas fosse vista como objeto de desejo e para lascívia, como no trecho: “Negra! negra! como o ébano, seductora como Phedra, possuindo as celsas formas”. Esse momento da literatura africana de língua portuguesa é fortemente marcado pela criação de estereótipos e por uma literatura enraizada aos padrões estéticos e métricos do colonizador europeu.

### **Anticolonial – identitário**

Do final do século XIX até o início do processo de independência, em 1975, as literaturas africanas de língua portuguesa adentram em seu segundo grande momento literário, conhecido como movimento literário anticolonial e identitário. Como o próprio nome afirma, neste período, as produções literárias africanas em língua portuguesa denotavam um pouco da identidade africana, os escritores agora escreviam sobre a África e sua gente, sua cultura e tradições. Este momento também é demarcado pela reconquista da identidade literária africana. O escritor rompe um pouco da alienação gerada no início da colonização, passando a mostrar as características do povo africano em suas produções literárias. Agora, o escritor africano, mesmo escrevendo na língua do colonizador, apresenta sua marca em seus escritos. Sobre esse momento da literatura africana de língua portuguesa, Manuel Ferreira:

Com a independência nacional é de todo eliminada a dependência dos escritores africanos e reconstruída a sua plena individualidade. Dir-se-á, no entanto, que os textos dos poetas integrados na guerrilha se confundem com os escritos após a independência nacional (1980, p. 43)

É importante destacar a importância da independência poética conquistada nesse período. O escritor africano, mesmo que de forma um pouco alienada, começa a deixar

traços de sua identidade e a escrever sobre sua gente, usando termos e personagens que fazem parte do imaginário poético africano. O movimento literário anticolonial e identitário devolve aos escritores africanos o rosto para seus textos literários, a própria cultura africana, rica em imaginário e em cultura. Assim, a poesia africana apresenta a partir desse momento uma poesia contextualizada com África, se afastando aos poucos da métrica e padrões portugueses.

“Em Angola e Moçambique, nos anos 50, surge uma poesia direcionada para a afirmação das raízes africanas e da identidade a ser recuperada. Sob o lema ‘Vamos descobrir Angola’, o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola propunha o resgate da angolanidade [...]” (SECCO, 2011, p. 1).

Temos assim um novo panorama das produções literárias de origem africana, saindo dos padrões portugueses para uma produção mais livre e com um desejo de libertação. “Tanto em Angola, como em Moçambique, nesse período, a poesia se afasta dos cânones portugueses e recusa a civilização europeia. É uma poética acusatória, de forte impacto social, que faz ecoar o grito negro da rebeldia” [...] (SECCO, 2011, p. 3).

O escritor africano de língua portuguesa está em busca de reconquistar sua identidade perdida durante o processo de colonização, antes apenas como uma cópia da literatura portuguesa, agora com um viés de contexto africano. Importante destacar que surgia a partir disso uma literatura que seria o instrumento usado posteriormente para incitar o processo de independência. Outra importante poesia que marca esse momento de reconquista identitária e cultural é a poesia “aspiração” de Agostinho Neto, escrita no livro “Sagrada Esperança”. Vejamos o poema.

### **Aspiração**

Ainda o meu canto dolente  
e a minha tristeza  
no Congo da Geórgia no Amazonas

Ainda  
O meu sonho de batuque em noites de luar

Ainda os meus braços  
Ainda os meus olhos



Ainda os meus gritos

Ainda o dorso vergastado  
o coração abandonado  
a alma entre a fé  
ainda a dúvida

E sobre os meus cantos  
os meus sonhos  
os meus olhos  
os meus gritos  
sobre o meu mundo isolado  
o tempo parado

Ainda o meu espírito  
ainda o quissange  
a marimba  
a viola  
o saxofone  
ainda os meus ritmos de ritual orgíaco

Ainda a minha vida  
oferece á vida  
ainda o meu desejo  
o meu grito  
o meu braço  
a sustentar o meu querer

E nas sanzalas  
nas casas  
nos subúrbios das cidades  
para lá das linhas  
nos recantos escuros das casas ricas  
onde os negros murmuram: ainda  
O meu desejo  
transformado em força  
inspirando as consciências desesperadas.  
(Neto, 1976, p. 32 e 33)

Vemos na poesia o desejo de uma literatura que traz uma ânsia por independência nacional, da busca por raízes africanas e da reconquista de sua identidade, usurpada e recontada pelo colonizador, alienando o escritor africano e inferiorizando a raça negra africana diante do mundo. Esse poema também é um convite à luta contra a colonização, contra a dependência literária portuguesa. O poema é um grito do e ao povo africano, um chamado ao desligamento com Portugal e para a conquista da independência nacional.

Este segundo momento literário trouxe um forte desejo de independência literária e posteriormente nacional, apresentando inúmeros escritores e movimentos de libertação a se reunirem, denunciando as injustiças ocorridas na colonização e lutando por uma África livre da influência e dependência europeia, uma África que ansiava ser livre. Vejamos o poema “Manifesto”, de José Craveirinha, poeta moçambicano.

### **“Manifesto”**

Oh!

Meus belos e curtos cabelos crespos  
e meus olhos negros como insurrectas  
grandes luas de pasmo na noite mais bela  
das mais belas noites inesquecíveis das terras do Zambeze.  
Como pássaros desconfiados  
incorruptos voando com estrelas nas asas meus olhos  
enormes de pesadelos e fantasmas estranhos motorizados  
e minhas maravilhosas mãos escuras raízes do cosmos  
nostálgicas de novos ritos de iniciação  
dura da velha rota das canoas das tribos  
e belas como carvões de micaíais  
na noite das quizumbas.  
E a minha boca de lábios túmidos  
cheios da bela virilidade ímpia de negro  
mordendo a nudez lúbrica de um pão  
ao som da orgia dos insectos urbanos  
apodrecendo na manhã nova  
cantando a cega-rega inútil das cigarras obesas.

Oh! E meus belos dentes brancos de marfim espoliado  
puros brilhando na minha negra reencarnada face altiva  
e no ventre maternal dos campos da nossa indisfrutada colheita de milho  
o cálido encantamento selvagem da minha pele tropical.

Ah! E meu

corpo flexível como o relâmpago fatal da flecha de caça  
 e meus ombros lisos de negro da Guiné  
 e meus músculos tensos e brunidos ao sol das colheitas e da carga  
 e na capulana austral de um céu intangível  
 os búzios de gente soprando os velhos sons cabalísticos de África.

Ah!  
 o fogo  
 a lua  
 o suor amadurecendo os milhos  
 a grande irmã água dos nossos rios moçambicanos  
 e a púrpura do nascente no gume azul dos seios das montanhas.

Ah! Mãe África no meu rosto escuro de diamante  
 de belas e largas narinas másculas  
 frementes haurindo o odor florestal  
 e as tatuadas bailarinas macondes  
 nuas  
 na bárbara maravilha eurítmica  
 das sensuais ancas puras  
 e no bater uníssono dos mil pés descalços.

Oh! E meu peito da tonalidade mais bela do bréu  
 e no embondeiro da nossa inaudita esperança gravado  
 o tótem mais invencível tótem do Mundo  
 e minha voz estentórea de homem do Tanganhica,  
 do Congo, Angola, Moçambique e Senegal.  
 Ah! Outra vez eu chefe zulo  
 eu azagaia banto  
 eu lançador de malefícios contra as insaciáveis  
 pragas de gafanhotos invasores.  
 Eu tambor  
 Eu suruma  
 Eu negro suaíli  
 Eu Tchaca  
 Eu Mahazul e Dingana  
 Eu Zichacha na confiança dos ossinhos mágicos do tintlholo  
 Eu insubordinada árvore de Munhuana  
 Eu tocador de presságios nas teclas das timbilas chopes  
 Eu caçador de leopardos traiçoeiros

E xiguilo no batuque.  
 E nas fronteiras de água do Rovuma ao Incomáti  
 Eu-cidadão dos espíritos das luas  
 carregadas de anátemas de Moçambique.  
 (CRAVERINHA, 1963, p.5)

Vemos uma poesia carregada de palavras e expressões orais moçambicanas, mostrando o apego por apresentar sua literatura de coração africano, como em: “belas como carvões de micaias na noite das quizumbas.” Ou “Eu tambor, Eu suruma, Eu negro suaíli, Eu Tchaca, Eu Mahazul e Dingana, Eu Zichacha na confiança dos ossinhos mágicos do tintlholo, Eu insubordinada árvore de Munhuana”. Tais expressões orais usadas na poesia denotam claramente uma poesia de origem africana, o que não ocorria no primeiro momento de expressão literária durante o período de colonização.

Tais produções literárias dos escritores durante a guerrilha se confundem com a literatura pós-independência justamente porque fora a própria literatura, o principal instrumento de luta por uma África livre da colonização. É importante destacar nesse contexto os principais movimentos de divulgação dessa literatura. Podemos citar a revista “Clareza”, em Cabo Verde, “Mensagem”, em Angola, e movimentos como “a Casa dos Estudantes do Império”. Tais revistas e movimentos objetivaram mostrar a identidade africana e temas como negritude e pan-africanismo com o intuito de denunciar e lutar contra os estereótipos criados durante o período colonial. As produções literárias anteriores a esse momento não apresentavam a realidade do continente africano, mas uma dualidade entre Portugal e África. Vejamos o que Fonseca (2007) diz sobre isso.

Em Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, o escritor africano vivia, até a data da independência, no meio de duas realidades às quais não podia ficar alheio: a sociedade colonial e a sociedade africana. A escrita literária expressa a tensão entre esses dois mundos e revelava que o escritor, porque iria sempre utilizar uma língua europeia, era um “homem-de-dois-mundos”, e a sua escrita, de forma mais intensa ou não, registrava a tensão nascida da utilização da língua portuguesa em realidades bastantes complexas. Ao produzir literatura, os escritores forçosamente transitavam pelos dois espaços, pois assumiam as heranças oriundas de movimentos e correntes literárias da Europa e das Américas e as manifestações advindas do contato com as línguas locais. Esse embate que se realizou no campo da linguagem literária foi o impulso gerador de projetos literários característicos dos cinco países africanos que assumiram o português como língua oficial. (FONSECA, 2007, p.4)

## **Pós-independência**

Chegamos ao terceiro grande momento da literatura africana de língua portuguesa. Agora, os escritores encontram-se em completa independência literária, cultural e nacional. Os escritores falam de seu povo, da “mãe África” e de suas tradições e mitos, muitos dos poemas gerados do período anterior puderam assim sair da clandestinidade. O escritor africano livra-se na métrica e formalismo português para usar sua própria língua em suas produções literárias. Deste período, até os dias atuais, o uso da língua crioula junto à língua portuguesa é muito comum na literatura africana. A literatura iniciada no período que denominamos anticolonial foi de forte influência para as produções literárias do pós independência. Vejamos uma poesia de Conceição Lima deste período.

**A mão**

Toma o ventre da terra  
e planta no pedaço que te cabe  
esta raiz enxertada de epitáfios.  
Não seja tua lágrima a maldição  
que seqüestra o ímpeto do grão  
levanta do pó a nudez dos ossos,  
a estilhada mão  
e semeia  
girassóis ou sinos, não importa  
se agora uma gota anuncia  
o latente odor dos tomateiros  
a viva hora dos teus dedos.

(LIMA, 2012, p.25)

Temos assim uma literatura mais madura e de cunho nacional, sem se prender ao formalismo português. Percebemos assim, um forte apego a sua nação e sua história. Na poesia de Conceição Lima temos a presença de temas aliados ao pós-independência, sem necessidade do escritor por se aduar a métrica europeia e a com temas livres. Neste período, percebemos uma literatura que continua sendo grito do povo, mas que também pode falar de qualquer tema. Junto aos movimentos de libertação, estas produções escritas, foram primordiais para o processo de independência. Podemos destacar como principais movimentos de libertação aliados a produção literária: Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), fundado: 1956 com o líder Antônio Agostinho Neto; Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO); fundada em 1962 com o líder Eduardo Mondlane; Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) fundada em 1956 com o líder Amílcar Lopes Cabral e o Comité pela Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP), fundada em 1960 com o líder Aurélio Martins. Tais movimentos, junto às produções

literárias, foram primordiais para uma África livre da colonização, presentes inclusive na literatura deste período e importante arma contra a colonização.

A literatura africana ganha, assim, um novo viés. Os escritores africanos falando de África, suas tradições orais, sua mitologia, sua cultura, como, por exemplo, os ritos de iniciação. Também podemos perceber uma literatura mais politizada criticamente frente aos conflitos internos presentes em cada novo país africano, desprendendo dos conflitos coloniais de outrora. Elena Brugioni (2019) fala a respeito dessa nova perspectiva da literatura do pós-independência.

No que diz respeito à recepção crítica de autores e textos no que se inscreve no que vem habitualmente definido como literaturas africanas, o papel dos estudos pós-coloniais no que concerne à legitimação de autores cujas obras literárias parecem ilustrar problematizações e configurações indenitárias de matriz “periférica ou semiperiférica” constitui um aspecto importante não apenas para refletir sobre o esvaziamento crítico e político que o pós-independência como categoria nominal, ou melhor, como rótulo crítico e acadêmico pode determinar, mas também para abordar ambiguidades e tensões que esse tipo de literatura determina no que diz respeito ao significado político e estético dessas escritas. (BRUGIONI, 2019, p.55).

A literatura africana, assim, apresenta um novo panorama, sendo consideradas produções literárias críticas e maduras frente aos novos desafios e conflitos internos do país. Temos uma literatura enraizada com o povo africano sendo falando de suas tradições e/ou falando do sistema político local. Neste período, a África reconquista sua identidade e continua a luta pela quebra dos estereótipos criados durante o período colonial de inferiorização da personalidade negra africana através de movimentos como o pan-africanismo e a própria literatura nacional e crítica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura africana de língua portuguesa foi um importante recurso das lutas de independência e de importantes movimentos como a negritude e o pan-africanismo.

Assim, escritores puderam levar suas obras para o campo de guerra das ideias, motivando o sentimento de nacionalismo e recuperação da identidade africana presentes em sua cultura, fala, mitos e da própria história. O escritor africano passou por uma alienação e dependência literária onde não se distinguia as produções escritas de origem africana das de origem portuguesa, para uma literatura que denota o sentimento nacional, à cultura, os ritos e a

própria mitologia e língua. Nesse processo, da literatura proto-nacional até a literatura do pós-independência, os autores africanos puderam se reafirmar como escritores independentes, com o dever de desmistificar o estereótipo criado durante a colonização, de interiorização e dependência do africano para com o colonizador. A literatura africana passa a ser assim um importante movimento de militância nacional, devolvendo ao africano suas raízes por meio de suas produções literárias.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Jessica. África: luta de libertação na poesia de Craveirinha. **Esquerda diário**. Disponível em < [https://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla\\_articulo&id\\_article=20301](https://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla_articulo&id_article=20301) > Acesso em 21 de novembro de 2021.

BOAHEN, Albert Adu. **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010, 1040 p.

BRUGIONI, Elena. **Literaturas africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto**. Campinas, SP: Unicamp, 2019, 226. p

CRAVERINHA, José. **Chigubo**. 1. ed. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1963, 32.p

FERREIRA, Manuel. Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**. v. 2, n. 3, p. 39-47, jun. 1980.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. **Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa**. Belo Horizonte, n. 16, 2007, p. 13-69.

NETO, Agostinho. **Poemas de Angola**. Rio de Janeiro: Editora Codecri Limitada, 1976.

LIMA, Conceição. **A dolorosa raiz do Micondó: Poesia**. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2012, 78p.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. As literaturas africanas de língua portuguesa: um percurso de cantos e desencantos. Petrópolis: **Vernaculum**. v. 3, n. 3, set. 2011.